

**PRECURSORES DA GEOLINGUÍSTICA MINEIRA:
A OBRA *DIALECTO CAPIAU*, DE HILDEBRANDO PONTES**

César Nardelli Cambraia (UFMG)

nardelli@ufmg.br

Marcus Dores (UFBA)

marcusdores@gmail.com

RESUMO

Dentre as contribuições para o conhecimento da realidade linguística do Estado de Minas Gerais no primeiro terço do século XX, há uma obra notável: o *Dialecto Capiau*, de Hildebrando Pontes. No presente trabalho pretende-se contextualizar historicamente essa obra, abordando-se: o perfil de seu autor, Hildebrando de Araujo Pontes (1879-1940); a gênese do texto, desde o trabalho seminal de 1921 até a versão manuscrita supérstite de 1932; seus principais modelos – *O Dialecto Caipira*, de Amadeu Amaral (1875-1929) e a *Grammatica Descritiva*, de Maximino Maciel (1866-1923) –; e sua estrutura interna. A obra de Pontes consta de um manuscrito autógrafa atualmente pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Palavras-chave:

Dialetologia. Geolinguística. Minas Gerais.

ABSTRACT

Among the contributions to the understanding of the linguistic landscape of the state of Minas Gerais during the first third of the 20th century, one work stands out: *Dialecto Capiau* by Hildebrando Pontes. This study aims to place the work in its historical context by examining the profile of its author, Hildebrando de Araujo Pontes (1879–1940); the genesis of the text, ranging from the seminal 1921 work to the surviving 1932 manuscript version; its primary models — *O Dialecto Caipira*, by Amadeu Amaral (1875–1929), and *Grammatica Descritiva*, by Maximino Maciel (1866–1923); and its internal structure. Pontes's work is preserved in an autograph manuscript currently held in the collection of the National Library of Rio de Janeiro.

Keywords:

Dialectology. Geolinguistics. Minas Gerais.

1. Introdução

Especialmente a partir da declaração da Independência do Brasil em 1822, começaram a emergir manifestações que registraram particularidades da língua portuguesa empregada deste lado do Atlântico.

Dentre essas manifestações, consta a divulgação de dados sobre as diferenças entre o português europeu e o brasileiro fornecidas pelo baiano Domingos Borges de Barros (1780–1855), o Visconde da Pedra Branca, e publicadas às p. 172 a 175 do primeiro tomo da *Introduction à l'Atlas*

Ethnographie du Globe de Adrien Balbi (1826), a qual Nascentes (1952 [2003, p. 677]) considerou como marco inicial da primeira fase dos estudos dialetológicos no Brasil, que se estendeu até a data de publicação d'*O Dialecto Caipira*, de Amadeu Amaral (1875–1929), em 1920. Em concordância com Nascentes, Mota e Cardoso (2006) consideram que a segunda fase, iniciada com a obra de Amaral, se estendeu até 1952, ano de publicação do Decreto Federal nº 30.643, de 20 de março de 1952, que criou o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, cuja Comissão de Filologia tinha como finalidade principal a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Considerando especificamente as manifestações sobre as particularidades da língua portuguesa empregada no Estado de Minas Gerais, houve inicialmente quatro iniciativas importantes: (a) o conjunto de artigos de Nelson de Senna (1876–1952) reunidos sob o título *O Calão Mineiro*, produzidos e parcialmente publicados entre 1896 e 1906; (b) o breve *Achêgas para o Estudo do Calão Mineiro*, publicado por Daniel Serapião de Carvalho (1887–1966) em 1907; (c) as breves contribuições para o *Diccionario Brasílico-Mineiro* da Academia Mineira de Letras publicadas por Carlos Góes (1881–1935), Lindolpho Gomes (1875–1953) e José Francisco Lopes Neves (1867?–1912) em 1911; e (d) o breve *Vocabulario Popular Mineiro* publicado por Pedro Herbster de Souza Pinto (1880–1939) em 1912 (Cambraia; Polizer, 2026). Todas estas quatro foram elaboradas segundo a prática comum dos trabalhos da primeira fase dos estudos dialetológicos no Brasil, que consistiam essencialmente em listas de vocábulos e expressões.

Já como parte da segunda fase dos estudos dialetológicos no Brasil, deve-se mencionar o estudo intitulado *O Falar Mineiro*, de José de Aparecida Teixeira (1909–1971), publicado em 1938, que, como foi habitual nessa segunda fase, já abordava também aspectos gramaticais.

A obra de Hildebrando Pontes, intitulada *Dialecto Capiau*, cuja data da última versão de seu texto é 1932, ocupa, portanto, uma posição intermediária entre os quatro trabalhos referentes a Minas Gerais da primeira fase e o da segunda, estando vinculada, pela data e pela natureza da descrição linguística, a esta última. Essa notável obra é o objeto do presente estudo.

2. **Hildebrando Pontes: nota biográfica**¹⁵

Hildebrando de Araujo Pontes nasceu em 16 de fevereiro de 1879 em Jubáí, distrito de Conquista (MG), cidade vizinha de Uberaba, no Triângulo Mineiro. Era filho de José Vieira Pontes (1849–1930) e Joana Nepomuceno

¹⁵ Para sínteses biográficas, cf. Pontes (1970, p. III–VI; 1992, p. 16–37).

de Araujo (1852–1919). A família se mudou para a cidade de Uberaba um mês depois de seu nascimento. Casou-se com Salvina Barra Pontes em 1902, com quem teve seis filhos. Residiu em Patrocínio (MG) entre 1916 e 1918 e em Araxá (MG) entre 1924 e 1929. Faleceu na Cidade de Uberaba em 4 novembro de 1940.

Estudou no Liceu Uberabense (1886–1888), na escola do professor Antônio Augusto Pereira Magalhães (1888–1889, 1891–1894), na Escola Normal (1894–1895) e no Instituto Zootécnico (1895–1898), formando-se então na primeira turma de engenheiros agrônomos de Uberaba.

Hildebrando atuou em diferentes searas: foi engenheiro agrônomo, jornalista, escritor, historiador, parlamentar e professor.

Foi vereador entre 1912 e 1915. Por razões de saúde, deixou de atuar como agrônomo a partir de meados de 1920. Fundou o Externato Santa Filomena em 1921, que foi convertido no Colégio Santa Filomena em 1923. Atuou como Agente Municipal de Estatística de Araxá a partir de 1927.

Colaborou com diversos periódicos e produziu um grande número de obras (muitas publicadas postumamente), dentre as quais se podem destacar: *A arte dramática em Uberaba: Theatro São Luiz*, 1906 [publ. em 1907]; *Algumas Notas sobre a Constituição Geologica e Riquezas Naturaes do Triangulo Mineiro*, 1907; *Influencia da Linguagem Africana do Negro na Formação do “Dialecto Capiáu”*, 1921; *Historia do Futebol em Uberaba*, 1921 [publ. 1972]; *Noticia Estatistico-Chorographica e Historica do Municipio de Araxá*, 1928; *Os Meus Cinquenta Anos*, 1929 [publ. em 1992, com o título *Vidas, casos e perfis*]; *A Imprensa em Uberaba*, 1931-1932 [publ. em 2019]; *Dialeto Capiau*, 1932 [publ. fac.-sim. em 2020]; *História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central*, 1934 [publ. em 1970]; *Nobiliarchia do Triangulo Mineiro*, 1937.

3. *Dialecto Capiau: a obra*

3.1. *Gênese*

A primeira incursão de Pontes no campo dos estudos linguísticos parece ter sido o seu artigo intitulado “Influencia da Linguagem Africana do Negro na Formação do ‘Dialecto Capiáu’” e publicado no Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, em 24 de agosto de 1921 (Pontes, 1921). Em uma das breves biografias de Pontes, consta que, no ano de 1919, ele “[f]az pesquisas em Lisboa para seu livro, em elaboração, *Influência do Negro na Formação Etnográfica do Brasil*” (Pontes, 1970, p. VI), o que permite dedu-

zir que o que foi planejado como livro e voltado para um tema mais amplo (etnografia) se concretizou na forma de artigo e contemplando um tema mais específico (lingüística).

No artigo de 1921, Pontes descreve várias características que diferenciam o português de Portugal e o do Brasil (mais especificamente, do dito dialeto capiau), defendendo a tese de que elas seriam decorrentes de contato lingüístico: p. ex.: monotongação de *au* em *o* por influência do francês; monotongação de *ei* em *e* por influência do espanhol; monotongação de *eu* em *o* por influência do alemão; e epêntese de vogal em grupo consonantal (suara-bácti) por influência do quimbundo. Como o próprio título do artigo de Pontes anuncia, o principal tema desenvolvido foi a influência de línguas africanas sobre o português do Brasil (mais especificamente, sobre o dito dialeto capiau), sendo atribuídas a essa influência os seguintes fenômenos: (a) epêntese de vogal em grupo consonantal (*platéa* > *palatéa*); (b) síncope (*marmore* > *marme*); (c) apócope (*triangulo* > *triangu*), inclusive em formas verbais (*vínhamos* > *vinha*); (d) mudança da vogal em sílaba aberta em proparoxítonas (*sabbado* > *sábbudo*); (e) epêntese de *n* antes de *d* e de *m* antes de *b* (*me dá* > *mindá* e *bocado* > *'mbucado* > *mucado*); (f) rotacismo de *l* (*alto* > *arto*); (g) rotacismo e síncope da marca de gerúndio (*amando* > *amanro* > *amano*); (h) deslateralização de *l* em *d* (*ligeiro* > *digéro*); (i) mudança de *não* em *num*; (j) redução de *vosmecê* em *vassuncê*, *vancê*, *vacê*, *ancê*, *mecê* e *mencê*; (k) redução de *senhor* em *sinhô*, *nhôr*, *nhô*, *siô*, *sô* e *seu* e de *senhora* em *sinhá*, *nhôra*, *nhá*, *siá* e *sá*; (l) mudança da preposição *em* em *ni*; e (m) iodização de *lh* e de *li* (*baralho* > *baraio* e *familia* > *famia*).

É possível que a motivação para a tese de Pontes sobre contato lingüístico tenha relação, em parte, com a vivência com a diversidade lingüística que ele experimentou no ano de 1919 em uma viagem à Europa: “Antes [de voltar ao Brasil], de abril a julho [de 1919], percorri a Inglaterra, França, Espanha e Portugal, permanecendo longo tempo em Lisboa. Nessa excursão interessante visitei um grande número de bibliotecas e museus” (Pontes, 1992, p. 36).

Esse primeiro artigo de Pontes teve repercussão importante, uma vez que foi referenciado em diversos trabalhos posteriores (p. ex.: Raimundo, 1933, p. 185; Ramos, 1943, p. 525; Pierson, 1945, p. 465; Castro, 1976, v. 1, p. 443; Vogt e Fry, 1996, p. 367) e ainda o é na atualidade (p. ex.: Christino, 2002, p. 279).

Mas a repercussão mais contundente parece ter sido a crítica feita pelo português Jorge Guimarães Daupias (1885–1947) em 1922, que reservou o primeiro lugar de seu livro para o tema e ainda nomeou não apenas a crítica como até mesmo o livro como *O Dialecto Capiau*, justamente por referência

ao artigo de Pontes (Daupias, 1922, p. 5-27). O argumento fundamental da crítica de Daupias é o de que vários dos fenômenos arrolados por Pontes como decorrentes da influência de contato seriam simplesmente tendências históricas da língua portuguesa, já que se encontram não apenas em fases linguísticas antigas como também em variedades populares e regionais de Portugal (“puros lusismos assim arcaicos como modernos”).

Tal crítica, no entanto, não desencorajou Pontes de dar sequência aos seus estudos sobre o português do Brasil, já que escreveu a obra *Dialeto Capiáu (Brasil Central): Grammatica – Vocabulario*, cuja data da última versão de seu texto é 1932. Tal obra, porém, só veio a ser publicada, na forma de fac-símile do manuscrito, em 2020, o que naturalmente impediu que tivesse a repercussão¹⁶ que tiveram, na época, as obras congêneres relativas à língua portuguesa no Estado de São Paulo (Amaral, 1920), na Cidade do Rio de Janeiro (Nascentes, 1922), no nordeste (Marroquim, 1934), no próprio Estado de Minas Gerais (Teixeira, 1938) e no Estado de Goiás (Teixeira, 1944). Deve-se assinalar, porém, que é possível que a crítica de Daupias tenha levado Pontes a rever certas teses, já que, no livro, a referência à influência do francês, do espanhol e do alemão aparece desvinculada dos fatos fonológicos descritos, sendo citada apenas em relação ao léxico (na p. 120 do manuscrito):

Uma parte desse vocabulario compõe-se de termos provenientes de outras linguas, a saber, indígenas sul-americanas (tupy-guarany, bororó, cayapó etc.) ; africanas negras (kimbundo, angoleza, lunda, monjolo etc., etc.) e européas (franceza, hespanhola, italiana, ingleza, allemã etc.).

No entanto, suas interpretações relativas ao contato com línguas africanas no nível fonológico foram mantidas, e grande parte do artigo de 1921 foi incorporada quase que sem modificações no livro.

Na biografia de Pontes acima referida, consta que, em julho de 1920, “[i]nicia a redação do ‘Dialeto Capiáu’” e que “Coelho Neto vem a Uberaba e com ele mantém ligeiros contatos, tratando do livro *Dialeto Capiáu*” (Pontes, 1970, p. VI). Já na obra *Uberaba: 200 anos no Coração do Brasil*, registra-se que ele “[e]m 1921 finalizou o projeto do livro *Dialeto Capiáu*” (Casanova, 2020, p. 20). É possível que as afirmações sobre início, em 1920, e término, em 1921, do *Dialeto Capiáu* tenham sido feitas tendo em conta o artigo “Influencia da Linguagem Africana do Negro na Formação do *Dialecto Capiáu*”, e não o livro *Dialecto Capiáu*, pois este último apresenta abonações extraídas de textos datados do ano de 1924 (posteriores à data de 1921,

¹⁶ Com a edição facsimilar de 2020, começam a despontar repercussões: Ribeiro (2026, p. 85-87) criou o conto “Sertão da farinha podre: origens da violência” incorporando justamente os padrões linguísticos descritos na obra *Dialecto Capiáu* de Pontes.

portanto): seja da edição de 11/05/1924 do jornal *A Lira*, da Cidade de Patrocínio (na p. 21 do manuscrito), seja da obra *As Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho (o Queima Campo)*¹⁷, de Cornélio Pires (1884–1958) (nas p. 183 e 198 do ms.).

Em biografia de Pontes publicada por José Mendonça no ano de 1956, consta, dentre as obras daquele, “‘Dialéto Capiáu’ (livro de merito extraordinario, contendo a relação completa dos termos regionais do Brasil central, e que se encontra na Academia Brasileira de Letras)” (Mendonça, 1956, p. 2). A informação de que o texto do *Dialecto Capiiau* estivesse naquela época na Academia Brasileira de Letras parece ser um lapso, já que há o registro de depósito do seu manuscrito na Biblioteca Nacional em junho de 1946¹⁸. Encontra-se também breve referência à obra *Dialeto Capiiau* na *História da Literatura Mineira*, de Deocleciano Martins de Oliveira, quando trata de autores que compuseram literatura regionalista: “HILDEBRANDO PONTES (que chegara a compor um dicionário do capiau, entregue a COELHO NETO, e, talvez, perdido nos arquivos da Academia Brasileira de Letras)” (Oliveira, 1958, p. 114). Como há novamente menção à presença da obra na Academia Brasileira de Letras, então é possível que a informação no livro de Oliveira, de 1958, tenha sido colhida do texto de Mendonça, de 1956.

Nova informação sobre o percurso do texto do *Dialecto Capiiau* foi dada por Guido Bilharinho, na providencial edição facsimilar que fez o manuscrito em 2020:

Esse ensaio – ora publicado (...) em edição facsimilar do manuscrito vazado na ortografia da época – não só pela dificuldade de sua digitação, como também para permitir o acesso direto ao texto sem nenhuma intermediação que pudesse, por mínima que seja, alterar ou afetar suas meticulosas disposições, esteve até agora em lugar ignorado, desde quando Hildebrando, por volta do ano de seu término ou logo em seguida, enviou os originais ao escritor Coelho Neto.

Falecidos Coelho Neto em 1934 e posteriormente seu filho Paulo Coelho Neto, responsável pelo espólio intelectual e material de seu célebre pai, como localizá-los? Onde procurá-los?

Até que por informações correntes no circuito cultural, aventou-se a possibilidade desses originais estarem na Biblioteca Nacional. E estavam. E estão. E

¹⁷ No livro de Pires consta apenas o ano de impressão (1924), mas foi possível identificar uma notícia do início de encomendas para obra em 20/04/1924 (*Estrambóticas*, 1924) e outra de sua chegada às livrarias de São Paulo em 18/05/1924 (*Historias*, 1924).

¹⁸ Em comunicação eletrônica do bibliotecário da ABL (27/04/2026), foi informado que não há cópia manuscrita desse texto no acervo da referida instituição. Em comunicação eletrônica do chefe de seção de manuscritos da BN (27/04/2026), foi informado que o manuscrito em questão recebeu número de registro patrimonial em junho de 1946 e que não há mais informações disponíveis sobre a sua história.

3.2. Principais modelos

Um primeiro ponto que precisa ser esclarecido de pronto é o fato de que o livro *Dialecto Capiáu* de Pontes é uma obra inacabada. Em diferentes trechos do manuscrito, faz-se alusão a um vocabulário/glossário que não consta dele: “Dialecto Capiáu (Brasil Central): Grammatica – Vocabulario” (folha de rosto); “como se verá do vocabulario inserto no fim deste trabalho” (p. 120); e “vide glossario no fim deste trabalho” (p. 173).

Além disso, o texto presente no manuscrito supérstite já seria um novo registro da obra, e não o inicial, já que há recorrentes casos de homeoteleuto (repetições comuns em processo de cópia), alguns deles cancelados pelo escriba: cf. *ás palavras* (p. 60), não cancelado; *dos paroxytonos terminados* (p. 82), cancelado; *povaréo* (p. 100), cancelado; *pres.* (p. 109), cancelado; *pôsse* (p. 145), cancelado; *Hai* (p. 153), cancelado; *torcer* (p. 154), cancelado; dentre outros. Esse novo registro, no entanto, foi objeto de, pelo menos, duas fases posteriores de intervenção: uma a tinta, com cancelamentos e acréscimos; e outra a lápis, igualmente com cancelamentos e acréscimos.

Com base nos dados obtidos sobre a gênese do texto, pode-se, então aventar a hipótese de que o manuscrito supérstite seria o registro mais atualizado de que Pontes dispunha em 1932 e que foi enviado, provavelmente nesse mesmo ano, a Coelho Neto para apreciação, mas que nunca foi enviado de volta para que a obra fosse concluída, em função do falecimento de Coelho Neto em 1934. Ao que parece, ou Pontes não manteve o modelo utilizado para o registro datado de 1932, impedindo assim a continuidade da obra (já que o único registro teria ficado com Coelho Neto), ou Pontes o manteve, mas não teve tempo hábil para concluir, uma vez que faleceu em 1940: a primeira hipótese parece mais provável, já que não há notícia de outro registro supérstite da obra.

A influência da obra *O Dialecto Caipira*, de Amadeu Amaral, sobre o texto de Pontes fica evidente, primeiramente, por três aspectos: (a) o espelhamento da forma do título (*O Dialecto Caipira* : *Dialecto Capiáu*); (b) a composição textual da folha de rosto (*Amadeu Amaral* | *Estudos Brasileiros* | *O Dialecto Caipira* | *São Paulo* | *Gramática* | *Vocabulário* : *Hildebrando de Araujo Pontes* | “Dialeto capiáu” | (*Brasil Central*) | *Grammatica* | *Vocabulario*); e (c) a referência à interpretação de Amaral (1920, p. 61) para a forma *hai* na p. 196 do manuscrito (“Por igual dá-se com *luita* (lucta), *hai* (ha), em desacordo, portanto, com o sr. Amadeu Amaral que diz provir *hai* de *ha* + *ahi*.”). Outra evidência nítida de influência da obra de Amaral foi a atenção

dada à questão dos arcaísmos: Amaral (1920, p. 31-5) dedica atenção à compatibilidade entre fatos do português do séc. XVI (arcaísmos de forma e de sentido) e do dialeto caipira, fazendo especial referência à carta de Pero Vaz de Caminha, e Pontes também trata de “palavras de uso corrente na era quinhentista”, apresentando lista com formas quinhentistas – extraídas da *Origem da Lingoa Portuguesa* (1576) e da *Orthographia da Lingoa Portuguesa* (1606), de Duarte Nunes de Leão, mas pela edição conjunta do séc. XIX (Leaão, 1864) –, eruditas e dialetais (p. 123-9).

Apesar de a obra de Amaral ter servido de importante referencial para o livro de Pontes, a análise da estruturação do conteúdo deste deixou claro que Pontes buscou um modelo descritivo mais sistemático para apresentação dos fatos linguísticos e esse modelo foi claramente a *Grammatica Descriptiva*, de Maximino Maciel (1866–1923), mesmo não havendo referência explícita a ela no livro de Pontes (é sempre bom lembrar que a obra de Pontes está inacabada). A obra de Maciel teve como ponto de partida a sua *Grammatica Analytica* publicada em 1887, que depois foi reelaborada na forma da *Grammatica Descriptiva*, que aparentemente teve 12 edições (1ª, 1894; 2ª, 1895; 3ª, s.d. [1902]; 4ª, 1910; 5ª, 1914; 6ª, 1916; 7ª, 1918; 8ª, 1922; 9ª, 1925; 10ª, 1926; 11ª, 1928; e 12ª, 1931) (Moraes, 1997; Cavaliere, 2003). Não há, por ora, elementos que permitam precisar qual das edições dessa gramática Pontes terá consultado. Não se pode deixar de mencionar que uma possível motivação para a seleção da gramática justamente de Maciel seria uma provável familiaridade de Pontes com a produção daquele: Pontes se formou engenheiro agrônomo em 1898 e atuou nessa área até pelo menos 1920; Maciel, formado em direito (1894) e medicina (1901), escreveu também obras no campo da botânica e da agronomia: *Lições de Botânica Geral* (1901) e *Noções Gerais de Agronomia* (1903).

3.3. Estrutura interna

Tomando como referência a 10ª edição da gramática de Maciel, de 1926, já póstuma, mas a mais recente a que se pode ter acesso, constata-se o seguinte plano de divisão da matéria (acrescentou-se aqui asterisco após o termo que também se encontra na obra de Pontes):

GRAMMATICA*	PHONOLOGIA	Phonetica* Phonographia Prosodia* Orthographia
	LEXIOLOGIA*	Morphologia* Taxinomia*

	Ptoseonomia*
	Etymologia
SYNTAXIOLOGIA	Relacional Phraseologica Literaria
SEMIOLOGIA	Semantica Tropologia

Fonte: Maciel (1926, p. x).

A obra de Pontes, cuja folha de rosto inclui o termo *Grammatica*, apresenta, na Parte I, as seções *Phonetica* (p. 1-68) e *Prosodia* (p. 69-94), e, na Parte II, intitulada *Lexeologia* (p. 94), as seções *Morphologia* (p. 94-129), *Taxinomia* (p. 130-82) e *Ptoseonomia* (p. 183-222). Por um lado, a ausência das seções *Phonographia* e *Ortographia* certamente se deve ao fato de a variedade linguística descrita por Pontes ser eminentemente oral. Por outro lado, a ausência das demais seções constantes do plano de Maciel é mais um argumento para se considerar que o *Dialecto Capiau* é, efetivamente, uma obra inacabada.

Maciel não numera cada seção de sua descrição, empregando essencialmente recursos gráficos (negrito, itálico e caractere regular) para representar uma hierarquia de organização do conteúdo, o que foi feito semelhantemente por Pontes com outros recursos gráficos (sublinhado duplo, sublinhado simples e aspas duplas). Tal prática, no entanto, resultou em dificuldade para o reconhecimento da conexão intrínseca entre certos conteúdos: p. ex., as diferentes subseções de aumentativos (*suffixos augmentativos* e *augmentativos personativos*) e de diminutivos (*suffixos diminutivos* e *diminutivos personativos*) aparecem paralelamente como partes da seção de flexão gradual, embora pudessem estar subordinadas, respectivamente, a *augmentativos* e *diminutivos*.

Para que se compreenda de que forma a decisão de Pontes de adotar Maciel como modelo descritivo levou o resultado a se diferenciar da obra de Amaral, convém apresentar sinteticamente a estrutura interna essencial de ambas as obras:

Quadro 1: Comparação da estrutura interna essencial das obras de Amaral (1920) e Pontes (1932)

Amaral (1920): <i>O Dialecto Caipira</i>	Pontes (1932): <i>Dialecto Capiau</i> ¹⁹
--	---

¹⁹ Acrescentou-se aqui numeração entre colchetes na estrutura da obra de Pontes para facilitar a percepção da hierarquia dos conteúdos e, conseqüentemente, a comparação com a obra de Amaral.

I. Fonética 1º Generalidades 2º Os fonemas e suas alterações-normais Vogais Grupos vocálicos (acentuados ou não) Consoantes 3º Modificações isoladas II. Lèxicologia Elementos do português do século XVI Elementos indígenas Elementos de vária procedência Formações próprias III. Morfologia Formação de vocábulos Gênero Número Gradação Flexões verbais Pronomes IV. Sintaxe Factos relativos ao sujeito Pronome Conjugação perifrástica Ter e haver “Chamar de” Orações relativas Negativas Circunstância de lugar Circunstância de tempo Circunstância de causa V. Vocabulário	[1] Parte I [1.1] Phonetica Phonemas: – Sons especiaes – Vogaes e grupos vocalicos – Consoantes e grupos consonantae [1.2] Prosodia Transposição do accento tonico Metaplasmos [2] Parte II: Lexeologia [2.1] I Morphologia Affixos: – Prefixos – Suffixos Structura vocabular: – Formação de vocabulos [2.2] Taxisomia Substantivo Artigo Adjectivo Pronome Verbo Adverbio Preposição Conjunção Interjeição [2.3] Ptoseonomia Genero Numero Grau
--	---

Como se vê pelos dados no quadro 1 acima, a descrição de Amaral pode ser interpretada como “orientada pelos dados”, ou seja, sua estrutura é determinada pela existência de fatos linguísticos que foram considerados como peculiares à variedade descrita, por isso as seções não são totalmente sistemáticas. Já a descrição de Pontes pode ser interpretada como “orientada pela teoria”, ou seja, é a partir do modelo descritivo prévio (de Maciel) que se buscam os dados para realizar a descrição linguística. Um exemplo evidente dessa diferença se nota em relação à classe de palavras: enquanto na obra de Pontes há a seção *taxisomia* dedicada a cada uma das classes de palavras (nove das dez tradicionais, com omissão da de numeral), já na obra de Amaral esse tema ficou disperso: parte na *lexicologia*, em que se tratava da origem de substantivos e adjetivos (por empréstimo ou por formação própria); parte na *morfologia* (como no caso de pronomes); e parte na *sintaxe* (como no caso de advérbios por tipo de circunstância).

Outra evidência da primazia da teoria sobre os dados na descrição de Pontes está nos casos em que uma categoria é apresentada, como resultado da aplicação sistemática do modelo de descrição, mas o estudioso afirma não haver dados disponíveis para ela, empregando o termo latino *caret* (“falta”) para assinalar essa ausência: assim, Pontes não apresenta exemplo para substantivo terminado no ditongo *ai* que tenha recebido o sufixo *zada*, apesar de registrada a categoria (p. 106); não apresenta exemplo para substantivo terminado em *i* que tenha recebido o sufixo *zada*, apesar de registrada a categoria (p. 107); e não apresenta exemplo para forma “dialectica” correlata à quinhentista *afermosear* e à erudita *aformosear*, apesar de registrada a categoria (p. 124).

4. Considerações finais

A obra *Dialecto Capiáu*, de Hildebrando Pontes, é uma descrição notável da língua portuguesa empregada no Estado de Minas Gerais no primeiro terço do século XX. O que se apurou sobre a história dessa obra, que está claramente inacabada, demonstra que foi realmente um grande revés para os estudos linguísticos o autor não ter tido a oportunidade de concluí-la. Ainda assim, essa obra constitui uma contribuição muito rica para os primórdios da geolinguística mineira, porque documenta abundantemente fatos linguísticos dessa região: com base na edição em preparação dessa obra, foi possível indexar os dados em aproximadamente 3.800 entradas (referentes a formas linguísticas dialetais, contabilizando-se também variações gráficas), além da descrição de diversos padrões morfossintáticos dessa variedade.

Do ponto de vista historiográfico, essa obra documenta ainda o progresso dos estudos dialetais no Brasil, atestando a passagem de uma abordagem baseada em lista de palavras para uma em que se estendia o olhar também para a gramática, com a peculiaridade de ter sido elaborada baseando-se em um modelo de descrição gramatical robusto na época, que era o da *Grammatica Descriptiva* de Maximino Maciel.

Por fim, pode-se destacar a natureza patrimonial da obra *Dialecto Capiáu*, já que se trata de uma fonte primária com registro linguístico. Nesse aspecto cabe retomar a Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial da UNESCO (2003), que, no âmbito desse patrimônio, além das tradições orais, inclui a língua como veículo²⁰ do patrimônio ima-

²⁰ Efetivamente, a memória coletiva é transmitida por meio das línguas, mas podemos dizer também que essa memória se constrói e se preserva por meio dessa mesma língua. Assim,

terial cultural. No contexto de Minas Gerais, ao recuperar a obra de Pontes, o presente trabalho vai, em alguma medida, ao encontro dos esforços do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), para reconhecer a diversidade linguística de Minas Gerais como patrimônio cultural imaterial²¹ do estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O dialecto caipira*: gramática, vocabulário. São Paulo: O Livro, 1920. Disponível em: <https://books.google.com/books?id=wRY9-Wyyuw0C>. Acesso em: 28 ago. 2026.

BALBI, Adrien. *Introduction à l'atlas ethnographique du globe*. Paris: Rey et Gravier, 1826. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=pugqAAAAYAAJ>. Acesso em: 28 ago. 2026.

BANZA, Ana Paula; GONÇALVES, Maria Filomena. *Roteiro de História da Língua Portuguesa*. Évora: Cátedra UNESCO em Patrimônio Imaterial e Saber-Fazer Tradicional / Universidade de Évora, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/22196>. Acesso em: 03 ago. 2026.

CAMBRAIA, César Nardelli; POLIZER, Gabrielle Venâncio Ruas. *A língua portuguesa em Minas Gerais na virada do século XIX*: estudo crítico da compilação de Nelson de Senna. São Carlos: Pedro & João, 2026. Disponível em: https://pedroejoaoeditores.com.br/?pje_download=35900. Acesso em: 28 ago. 2026.

CASANOVA, Marta Zednik de. (Org.). *Uberaba*: 200 anos no coração do Brasil. Uberaba: Superintendência do Arquivo Público de Uberaba “Hildebrando de Araujo Pontes”, 2020. Disponível em: https://app.codiub.com.br/drive_root/arquivopublico/Uberaba200AnosNoCoracaodoBrasil. Acesso em: 28 ago. 2026.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil*. Tese (Doutorado em Línguas Africanas) – Kinshasa, Université Nationale du Zaïre, 1976. 2 v.

CAVALIERE, Ricardo Stavola. A respeito da *Grammatica Descriptiva*, de Maximino Maciel. *Revista da Academia Brasileira de Filologia*, Rio de Ja-

segundo defendem Banza e Gonçalves (2018), as línguas não são apenas um veículo, mas também construtoras e depositárias da herança linguística, histórica e cultural dos povos.

²¹ Para uma recente discussão sobre a diversidade linguística em Minas Gerais, cf. Rocha (2025).

neiro, v. 2, n. 2, p. 139-48, 2003. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/2/139.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2026.

CHRISTINO, Beatriz Protti. “*Português de gente branca*”: certas relações entre língua e raça na década de 1920. Dissertação (Mestrado) – São Paulo, Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-08112024-135034>. Acesso em: 28 ago. 2026.

DAUPIÁS, Jorge Guimarães. O dialecto capiau. In: _____. *O dialecto capiau*. Rio de Janeiro: Empresa de Publicações Modernas, 1922. p. 5-27. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=VXJCAQAAIAAJ>. Acesso em: 28 ago. 2026.

ESTRAMBOTICAS aventuras do Joaquim Bentinho. *Correio Paulistano*, n. 21.834, 20 de abril de 1924, p. 11. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/090972_07/14543. Acesso em: 28 ago. 2026.

HISTORIAS caipiras. *Correio Paulistano*, n. 21.861, 18 de maio de 1924, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/090972_07/14791. Acesso em: 28 ago. 2026.

LEAÕ, Duarte Nunes do. *Origem e orthographia da lingoa portugueza*. Lisboa: Panorama, 1864. Disponível em: <https://books.google.com/books?id=6RYTAAAAYAAJ>. Acesso em: 28 ago. 2026.

MACIEL, Maximino. *Lingua portugueza: grammatica descriptiva baseada nas doutrinas modernas*. 10. ed. augmentada e refundida. Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte: Francisco Alves, 1926. Disponível em: <https://www.iel.unicamp.br/wp-content/uploads/2025/12/Grammatica-descriptiva-Maximino-Maciel-texto-completo.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2026.

MARROQUIM, Mário. *A lingua do nordeste (Alagôas e Pernambuco)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/103>. Acesso em: 28 ago. 2026.

MENDONÇA, José. O 1.º Centenario da cidade de Uberaba, Capítulos da nossa historia, XXIX, Pequenas notas biograficas, I, Dr. Hildebrando de Araujo Pontes. *Lavoura e Comércio*, Uberaba, ano LVII, n. 14.094, 23 de junho de 1956, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/830461/12970>. Acesso em: 28 ago. 2026.

MORAES, Lygia Corrêa Dias de. A *Grammatica Descriptiva* de Maximino Maciel. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 1, p. 165-73, 1997. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i1p165-173>. Acesso em: 28 ago. 2026.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre a dialectologia no Brasil: para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: ____; _____. (Orgs). *Documentos 2: projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26. Disponível em: <https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2026.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca em 1922*. Rio de Janeiro: Süsskind de Mendonça & Comp., [1922]. Disponível em: [https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.\\$b62939](https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.$b62939). Acesso em: 28 ago. 2026.

_____. Études dialectologiques au Brésil. *Orbis: Bulletin Internationale de Documentation Linguistique*, Louvain, v. 1, n. 1, p. 181-84, 1952 [Repub. em: *Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Organizado por Raimundo Barbadinho Neto; apresentação de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. (Coleção Antônio de Morais Silva, I). p. 677-90]

OLIVEIRA, Deocleciano Martins de. *História da literatura mineira: esquema de interpretação e notícias biobibliográficas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1958.

PIERSON, Donald. *Branços e prêtos na Bahia: estudo de contacto racial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/327>. Acesso em: 28 ago. 2026.

PIRES, Cornélio. *As estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho (o queima campo)*. São Paulo: Imprensa Methodista, 1924.

PONTES, Hildebrando A. Influencia da linguagem africana do negro na formação do “dialecto capiaú”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 95, n. 234, 24 de agosto de 1921, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/364568_11/4241. Acesso em: 28 ago. 2026.

_____. *História de Uberaba e a civilização no Brasil Central*. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1970. Disponível em: https://app.codiub.com.br/drive_root/arquivopublico/Livro%20Hildebrando%20Pontes/mobile/index.html. Acesso em: 28 ago. 2026.

_____. *Vidas, casos e perfis*. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1992.

_____. *Dialeto capiaú*. Planejamento editorial de Guido Bilharinho. Uberaba: Revista Dimensão, 2020. Disponível em: <https://bibliosobreuberaba.wordpress.com/2024/10/14/dialeto-capiaú>. Acesso em: 28 ago. 2026.

RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na lingua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RAMOS, Arthur. *Introdução à antropologia brasileira*: 1º volume – as culturas não-européias. Rio de Janeiro: CEB, 1943.

RIBEIRO, Getúlio. Sertão da farinha podre: origens da violência. In: SETE, R.; CARVALHO, T. (Orgs). *Antologia Subsolo 2026*: 8ª edição anual. Uberlândia: Subsolo, 2026. p. 85-7. Disponível em: <https://www.editorasubsolo.com.br/produtos/antologiasu-solo2026>. Acesso em: 28 ago. 2026.

ROCHA, Ana Paula Antunes. O “mineirês” e a diversidade dialetal em Minas Gerais: patrimônio cultural imaterial. *LaborHistórico*, v. 11, n. 1, p. e66355, 2025. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v11i1.66355>. Acesso em: 03 ago. 2026.

TEIXEIRA, José de Aparecida. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano IV, v. XLV, p. 5-100, março de 1938.

_____. *Estudos de dialetologia portuguesa: linguagem de Goiás*. São Paulo: Anchieta, 1944.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. *Cafundó, a África no Brasil*: linguagem e sociedade. Campinas: Unicamp, 1996.